



A

F. N. L. A.

E O

PODER POPULAR

HOLDEN ROBERTO

A

F. N. L. A.

E O

PODER POPULAR

HOLDEN ROBERTO

POVO DE ANGOLA,

IRMÃOS ANGOLANOS,

Dirijo-me de novo a todos vós, para dizer-vos que, precisamente, no momento em que vos falo, pesando as palavras que pronuncio, de profunda reflexão, há coisas graves e perigosas que se estão passando em Angola, nosso País.

Um punhado de homens perdidos—que se dizem pertencer a um dos Movimentos de Libertação — está jogando actualmente uma cartada de mau gosto, pois que perigosa e grave : são dos que pretendem brincar com o fogo.

É fácil compreender-se que por trás de tudo isso se pretende pôr em prática estruturas a que errada e abusivamente dão o nome de PODER POPULAR.

Dizemos grave, porque isso está em flagrante contradição com os textos, as realidades, as instituições e tradições do nosso País.

Dizemos perigosa, porquanto não é nem mais nem menos do que subversão, pura aventura, e, o que é pior, provocação e manobras que, deliberada e cinicamente, poderão fazer com que o sangue de homens, mulheres e até de crianças inocentes do nosso País, continue a ser derramado. Aliás, semelhantes provocações só se baseiam em preconceitos.

Os Acordos de Mombaça, firmados em 10 de Janeiro deste ano, entre os Três Movimentos de Libertação Nacional — a FNLA, MPLA e UNITA — por um lado, e os de Alvor em 15 de Janeiro, por outro lado, entre os referidos Movimentos e o Governo Português, são claros, claríssimos e, como tal, não deixam lugar nem a dúvidas, nem a ambiguidades.

Aí, todos tiveram de escolher, e essa escolha foi clara: tratava-se, única e simplesmente, de conduzir o nosso País à INDEPENDÊNCIA, depois do período de tran-

sição, através da DEMOCRACIA, desta palavra que, em grego, se divide em duas partes: Demos, que quer dizer POVO, e kratas, que quer dizer PODER.

Daí a origem da expressão PODER POPULAR. Em conclusão, no contexto da Democracia, todo o Poder pertence ao Povo; é ele que encarna a soberania nacional e é, ainda ele, a única garantia e salvaguarda dessa mesma soberania.

Todos nós fomos a favor dessa Democracia, a qual aspiramos, de livre vontade, como facilmente ressalta da simples leitura dos referidos Acordos. Foi desejo de todos que essa Democracia fosse electiva, quer dizer, que ele devia exercer-se a todos os níveis, em todos os pontos de vista e pelos métodos mais democráticos, como, por exemplo, o VOTO. Tendes todos direito ao VOTO; é evidente que só a partir do momento em que atingis a idade que proporciona a faculdade de exercerdes os vossos direitos civis, isto é, a partir dos dezoito anos.

Foi, também, da vontade de todos nós, isto é, dos três Movimentos de Libertação,

que essa democracia fosse representativa. Queremos dizer com isso que as instituições, às quais nos submeteremos livremente, devem ser instituições representativas: os vossos representantes, aqueles que tiverem de ser escolhidos por vós próprios, sem coacção, em pleno uso da vossa liberdade e com a vossa total e livre adesão, sem imposições, sem pressões, sem ditadura nem camuflagem, serão o instrumento e a expressão da vossa vontade, da vontade geral de todos, a única que está ao serviço do bem comum.

Eis, em poucas palavras, não só o espírito mas também a letra do texto dos Acordos em questão.

No nosso caso, as realidades institucionais do nosso País, realidades que só agora teremos ocasião de começar a pôr em prática, estão igualmente patentes no espírito e na letra desses Acordos; prova é que o Governo está formado e o GOVERNO GOVERNA. Trabalha-se na elaboração dos textos que explicitarão e completarão os já citados, no que diz respeito às Instituições, à sua aplicação e ao seu funcionamento e aos órgãos de controlo que os vão aprovar.

Elabora-se, igualmente, e em tempo oportuno, a CONSTITUIÇÃO e, uma vez eleita, a Constituição poderá fazer face a todas as questões, procurando para cada problema soluções adequadas, que serão o reflexo das vossas aspirações.

Até aqui, nós ainda não nos desviamos do caminho traçado. Não nos desviaremos nunca. Tende a certeza, queridas irmãs e irmãos angolanos, que esse caminho traçado por vós, será respeitado e continuará a ser o mesmo.

Como juramos, continuaremos ao serviço do POVO ANGOLANO; e esse Povo sois vós, minhas irmãs e meus irmãos; mas todos vós, sem distinção, filhas e filhos desta Angola que está acima de todos nós.

Quem, dentre nós, admitiria que um dia, mesmo só por alguns instantes, tivéssemos de aceitar a nossa despersonalização, ingerindo ideologias estrangeiras, sinuosamente falsas?

Ninguém, tenho a certeza que ninguém!

PODER POPULAR?

Nunca fomos contra! Pelo contrário, batemo-nos por ele com unhas e dentes durante 14 anos. O Poder Popular é o instrumento que procuramos arrancar das mãos do estrangeiro, até porque ele é o atributo da SOBERANIA do Povo. Com a luta só procuramos restituir ao POVO o exercício do Poder, que só a ele compete. É o Povo que administra o Poder Popular com plenitude e Soberania, tanto na escala ascendente como na descendente.

Ignorarmos os Acordos firmados e os compromissos assumidos susceptíveis de nos conduzirem à INDEPENDÊNCIA NACIONAL, para nos lançarmos ao aventurismo, à Demagogia e ao marginalismo desavergonhados, que só conduzem o Povo à responsabilidade em detrimento da nossa boa fé, nós diremos! NÃO, NÃO e NÃO!... NÃO, para sempre!

Não! porque é contrário ao espírito dos Acordos firmados. Não! porque é contra os factos e as realidades do nosso País! E, ainda, Não! porque é contra o senso comum da NAÇÃO ANGOLANA.

Não dizemos NÃO! por simples princípio, por simples formalismo, por mórbido sentimentalismo ou romantismo.

Se dizemos Não! é porque nós queremos evitar para o nosso Povo novos dramas, novos sofrimentos, novo calvário que consideramos como definitivamente enterrados. Seria isso um contrasenso, em relação ao que nos espera.

Os tristes acontecimentos que há dois dias enlutaram Luanda, não só servem para minar o nosso País, mas ainda e sobretudo lançam um descrédito sobre o nosso Povo.

Esta é também a prova mais evidente das nossas apreensões, no que diz respeito ao Poder Popular, prelúdio do que poderá vir a acontecer amanhã, isto é, uma GUERRA CIVIL generalizada, se não estivermos atentos.

Por isso, devemos reflectir profundamente e com seriedade, porque disso depende o futuro do nosso País.

Mas, o que significa, afinal, esse Poder Popular? a que temos de aderir?

Paramentado, embora, dos atributos da democracia directa, isso não passa de uma Ditadura que certos indivíduos pretendem implantar no nosso País.

No contexto do nosso País, como sabeis, não é possível a democracia directa: imenso é o nosso País, grande é o número dos seus habitantes e diversa a sua formação. Essa espécie de democracia exigiria que o Povo se reunisse todo na Praça Pública e comesse a legislar e decidir tudo directamente, sem intermediário.

Seria isso possível? Seria possível reunir seis milhões de homens, mulheres e crianças para discutir publicamente e tomar decisões?! Está-se mesmo a ver que isso é puramente utópico.

Não basta, por isso, transformar DITADURA em DEMOCRACIA, acrescentando-lhe o adjectivo «POPULAR»...

Com efeito, sob a cobertura da democracia directa, Comités Populares, verdadeiros *embriões de soviets de rua*, de *bairro*, etc., são designados pela Direcção, mesmo a preço de farsas e comédias, que só

podem enganar os que se deixam enganar, dominam a colectividade que é manipulada, segundo a vontade dos patrões!

Esses grupúsculos de manipuladores, essa força estrita e puramente individual, é digna da mais apologética representação que se pode imaginar o de certa tradição ortodoxa.

O Povo, as Massas, perdem nele toda e qualquer iniciativa, nega-se-lhes todo o poder da decisão, devendo apenas aceitar o que lhes é imposto. E com a ajuda da propaganda que as impossibilita de toda e qualquer acto de vontade, são obrigadas a aderir com entusiasmo a tudo que se lhes proponha.

A cabeça de cada «Comité Popular» está um grupo de autómatos, fanáticos bem rodados que são responsáveis junto de outros «comités» ou «assembleias», hierarquicamente superiores, mas igualmente fanáticos, dogmáticos e sectários. O monolitismo é de rigor, assim como a cega obediência às ordens superiores.

E esse tal poder popular desagua inevitável e irremediavelmente na decantada

«democracia popular», que, de democrático, só tem o nome e de popular, apenas as aparências. Tal democracia reside nas mãos de uma minoria fanática e limitada, a qual exerce realmente o Poder, mas Poder absoluto, ilimitado, arbitrário, através de verdadeiras correias de transmissão, dóceis, disciplinadas e cegas, desprovidas de qualquer determinação e finalidade próprias.

Aqui começa a verdadeira Ditadura do Proletariado, que de proletariado apenas tem grosseira caricatura, objecto de chacota geral e que serve nas mãos dos chefes e seus sequazes, de instrumento dócil, sobre que exercem a mais execrável das ditaduras. Deixa de ser assim, ditadura do proletariado para se tornar em DITADURA SOBRE O PROLETARIADO.

O Povo, neste caso, não tem mais nada a dizer! Deixa de ser a origem do Poder e do querer soberanos. O Chefe decide e age em seu nome, numa linha de pensamento ortodoxo; a actividade de todos, em todas as circunstâncias, é subordinada à ordem ditatorial cuja vontade executa sem consternação.

Então, adeus à LIBERDADE! Adeus à JUSTIÇA! e VIVA O TOTALITARISMO!!!!...

A vida privada é reduzida à sua expressão mais simples: ela deve apagar-se, aniquilar-se mesmo, todas as vezes que constitua obstáculo ao Poder.

A liberdade sombreia no caos da fra-seologia, sendo incompatível com a autoridade sem limites no Poder.

Eliminada a LIBERDADE POLÍTICA, qualquer outra de liberdade é inadmissível.

O indivíduo submete-se a um ideal exclusivo, mesquinho e sectário que, para ele o Poder formulou. Um ideal que deverá impôr a todos, criando aqui e acolá, pseudo-comités populares, muitas vezes pela coacção sangrenta, depois de ter submetido toda a gente ao Partido e aos seus sucedâneos.

Então, começa a longa noite dos POVOS SUBJUGADOS! Começa a longa agonia dos POVOS AGRILHOADOS! Assim se constroi «a nossa felicidade» mesmo contra a nossa vontade!

Então, conduzir-nos-ão «algemados» ao «paraíso», tendo como única bíblia o materialismo dialéctico.

Irmãs angolanas,

Irmãos angolanos;

Somos um Povo crente e a nossa fé é inquebrantável; estamos a favor da verdadeira democracia, apoiada na nossa grande fé contra o materialismo ateu que esmaga nas suas maxilas de ferro o indivíduo, o grupo, a colectividade.

Somos pelo bem-estar de todo o POVO, sem qualquer distinção, mas contra a supremacia de uma classe sobre as outras, contra a ditadura e uma minoria de iluminados e fanáticos.

Queremos a plena expansão da LIBERDADE, sob todas as suas formas, na UNIDADE TOTAL, COMPLETA e livremente consentida. E lutamos contra toda e qualquer forma de opressão que conduza à negação dessa mesma LIBERDADE e ao constrangimento arvorado em sistema de Governo

como, também, contra o despotismo autocrático e obscurantista, falaciosamente denominado DEMOCRACIA.

VIVA ANGOLA LIVRE, UNIDA E PRÓSPERA!

TODOS POR UMA ANGOLA!

UMA ANGOLA POR TODOS!

LIBERDADE E TERRA!

VIVA ANGOLA LIVRE, UNIDA E PROSPERANTE

LAIOZ POR LIMA ANGOLA

UMA ANGOLOA POR TODOS

Publicado pelo Departamento de Propaganda da FNLA

LUANDA - ANGOLA